

APRESENTAÇÃO

(De)vagar pelas letras das educações ambientais a serem escritas...

Que lugar seria esse que estamos chamando de Educação Ambiental? Uma morada para o pensamento sobre as práticas pedagógicas relativas ao ambiente? Este que nos arrebatava, nos tece, nos atravessa, nos articula a um mundo cotidiano multifacetado? Um mundo de relações e modos de viver é encenado, pensado, criticado, inventado, escrito, imaginado no palco da Educação Ambiental! Nessa profusão, um dossiê emerge somente como um instante envolto em uma pálida névoa, e fotografa em preto e branco algo passageiro da Educação Ambiental. Um dossiê poderia ter a pretensão da totalidade, mas, aqui, talvez, outra vontade de costura se produz. Tal como diz Paul Auster (2012, p. 139), quem sabe escrever “[...] sobre as coisas que não acontecem, as vidas que não são vividas [...], o não-dito e o não-feito, o não lembrado. Território arriscado, talvez, mas podia valer a pena explorá-lo”.

Muitas questões foram abandonadas na composição deste dossiê, algumas foram as escolhidas pelo organizador para a sua composição, mesmo sem a garantia de que os convites lançados fossem acolhidos, tanto pelos autores como pela própria Revista em seu processo de avaliação dos textos. Os enfoques trazidos pelo dossiê podem ser divididos em cinco: 1) pensar a cultura em sua relação com a Educação Ambiental; 2) escutar professores da Educação Básica em trabalhos apaixonados que atravessam o currículo escolar; 3) debater sobre o campo emergente da Educação Ambiental e sua acomodação ou não aos critérios competitivos da produção acadêmica no tempo presente; 4) refletir sobre a ambientalização dos currículos nos cursos voltados à formação de professores; 5) abrir espaço para perspectivas pouco comuns, pouco vistas nas publicações mais recorrentes da área. Essa última pretensão ficou, infelizmente, um pouco ausente no dossiê, mas espero que encontre outro abrigo em outro momento.

A imagem que estampa a capa do dossiê foi composta pela bióloga e artista visual Franciele Favero. Ela carimba a escola que a acolheu na infância

vivida em terras paraguaias. Dizendo isso encerro parte do mistério que acompanha a imagem da artista, pois poderíamos estar apenas diante de uma casa enigmática situada em um lugar qualquer.

Vejo na imagem um vasto terreno e não avisto seu limite preciso. Aliás, um limite é o que não cessa de se estender, se alargar, quando se trata de pensar na educação ambiental, mesmo que suas fronteiras (e sua presumível identidade) sejam teimosamente procuradas por alguns pesquisadores.

Na imagem, um silêncio parece soar, como se um lugar em abandono estivesse diante de nós. Talvez sejam as fugidias lembranças da infância em certa escola que abandonam pouco a pouco a artista. Reinventar uma imagem para a escola da infância é, talvez, similar à invenção de uma narrativa que traduziria as educações ambientais que se abrigam neste dossiê.

Que educações ambientais se abandonam na composição de uma enxuta coletânea de artigos? Quais privilegiamos? Quem convidamos para serem abrigados na morada da Revista? A quem foi permitida a entrada? Quem se perdeu pelo caminho? Como dizem Elenise Cristina Pires de Andrade, José Barros Pinto Filho e Eva Arbat Bau (2011), é preciso duvidar das palavras e das fotografias que nos apresentam um mundo já visto, analisado e criticado. O dossiê não demarca um território, não produz um limite, não insiste em apontar tendências ou mesmo em reunir vertentes específicas de pesquisas. Arrastar a Educação Ambiental para o “desassossego da criação” (para usar uma expressão dos autores citados) permanece como um desafio. Aqui estão reunidos, apenas, alguns textos, algumas letras (se boas, agora o leitor dirá), algumas palavras que falam sobre Educação Ambiental.

Certo dia em uma prática pedagógica que ministrava conjuntamente com Valdo Barcelos para um grupo de professores, lançamos uma pergunta ao grupo: a Educação Ambiental se pratica, preferencialmente, na escola? Sim ou não eram as únicas possibilidades de respostas. Os professores de debateram calorosamente com essa indagação. Como diz Valdo Barcelos (2012), uma educação ambiental nos trópicos se processa pelos entrecruzamentos culturais, tanto locais como globais. Cessar certo sedentarismo intelectual, provocando uma “interação devorativa”, é a proposta antropofágica do autor, poeta, pesquisador, à Educação Ambiental. Inventar é o que importaria, seja isso feito em uma escola, seja fora dela. A pergunta lançada aos professores tinha, portanto, pouca importância.

A frase que está no alto da imagem de capa do dossiê era o lema da escola da infância da artista. Devagar! É preciso um tempo para vagar pelas boas letras, por aquelas que escolhemos mais pertinentes e interessantes para a Educação Ambiental que praticamos. E essas podem vir de um filme (visto como um texto), de um livro de literatura, de uma fotografia, de uma exposição, de uma encenação teatral, de uma conversa cotidiana, da escuta de uma canção, de uma história ouvida ao pé da cama. Essa talvez seja uma questão proposta pelo dossiê: o trânsito pela cultura, pelas práticas que criam sentidos a serem compartilhados, recriados, reinventados é algo a ser mais enfocado, atentado, pela Educação Ambiental? Neste dossiê, os textos assinados por Maria Lúcia Wortmann, Daniela Ripoll e Laís Possamai sobre uma animação televisiva, e por Shaula Sampaio e Leandro Guimarães sobre as imagens do dispositivo da sustentabilidade denotam certa atenção à cultura e suas instigantes e incisivas pedagogias.

Uma questão sensível e interessante, a meu ver, é a respeito dos modos pelos quais o ambiente vêm sendo significado através dos projetos curriculares dos cursos de formação de professores. Vislumbrar como processos de ambientalização curricular vem sendo construídos é o enfoque central dos artigos de Phillip Payne e Cae Rodrigues, bem como o de Maíra Gesualdo Oliveira e Luiz Marcelo de Carvalho.

O texto assinado por Juliana Merçon aborda um enfoque teórico instigante às pesquisas em educação ambiental. A autora traz para o debate aportes da filosofia de Espinosa.

Na sessão de debates da Revista, somos brindados com o artigo de Marcos Reigota. Tal destaque ao texto do autor diz respeito às pertinentes questões que ele abre. Nós, educadores ambientais, assumimos um compromisso político, coletivo e ético que coloca em xeque a herança racionalista, moderna, produtivista e competitiva de se produzir ciência? Como nos posicionamos diante dessa importante indagação?

O dossiê finaliza com a entrevista que realizei por e-mail com a professora e educadora ambiental Cleonice Silva (com quem já tive o privilégio de trabalhar em processos formativos ofertados a professores), que nos conta um pouco sobre o interessante trabalho que realiza há anos em uma escola da rede municipal de Porto Alegre e que tem inspirado práticas pedagógicas em Educação Ambiental em outras escolas.

Desejo aos leitores e às leitoras uma ótima leitura e que, devagar, passem pelos textos que escolheram ler. Com eles, ou através deles, espero que possam tecer outras educações ambientais mais...

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elenise; BAU, Eva; PINTO FILHO, José Barros (Org.). *Olhares Cotidianos (re)velam o programa Turismo CO2 Neutro*. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2011.

AUSTER, Paul. *Sunset Park*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARCELOS, Valdo. Por uma educação ambiental nos trópicos: intercultura e antropofagia. In: PREVE, Ana Maria; GUIMARÃES, Leandro; BARCELOS, Valdo; LOCATELLI, Julia (Org.). *Ecologias inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

Leandro Belinaso Guimarães
Organizador